

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Prof^a Dr^a Patrícia Vasconcelos Almeida

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros



Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol III / Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-26-2

DOI 10.37572/EdArt_280121262

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Almeida, Patricia Vasconcelos

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O volume 3 do livro ***“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”*** se organiza a partir do diálogo entre discurso e objetos culturais e possibilita refletir sobre a construção de sentido nos diferentes discursos e saberes que entremeiam a sociedade. A construção de sentido é rio que corre, que flui, que retorce e que encontra pedras e, ainda assim, segue seu curso em busca do mar e do todo que o compõe. De forma análoga ao rio, também o discurso segue seu curso e se constitui a partir de múltiplas vozes, situadas em um contexto político histórico e social. Vozes que se orquestram, que possibilitam o embate e que provocam o debate. Essas vozes dialogam, ainda, acerca da literatura e de outras linguagens, evidenciando um trabalho com a língua(gem) em suas diferentes manifestações. Essas diversas produções artístico-culturais evidenciam a diversidade de saberes, a riqueza de identidades e de culturas e provocam encantamentos. Como bem postula Calvino (1995, p.39), “a literatura como função existencial” pode bem representar “a busca da leveza como reação ao peso do viver”. Assim, em uma dimensão ética e estética da produção, difusão e circulação dos textos e dos discursos na sociedade, o sentido engendra-se como uma co-construção, alicerçada no contexto, nas estruturas linguísticas mobilizadas e na análise das múltiplas vozes, dos valores, das crenças e ideologias que entremeiam os dizeres. Dessa forma, os textos que compõem este terceiro volume convidam o leitor à reflexão e contribuem para uma discussão profícua sobre discursos, literatura, tecnologias e objetos culturais.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

DISCURSOS E OBJETOS CULTURAIS

PARTE 1: DISCURSO, DISCURSOS

CAPÍTULO 1.....1

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE PASTORES NO PARLAMENTO BRASILEIRO:
COMO O DISCURSO ALIMENTA O ÓDIO.

[Yuri Barbosa de Morais Pessoa](#)

[Ana Paula Rabelo](#)

[Patrício Carneiro Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212621

CAPÍTULO 2.....20

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE
MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

[Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212622

CAPÍTULO 3.....32

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO
DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

[Dayse Alfaia](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212623

CAPÍTULO 448

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA
DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

[María del Pilar Cobo González](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212624

CAPÍTULO 5.....65

FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO POLÍTICA: UMA ANÁLISE DE
COMENTÁRIOS *ONLINE*

[Rainhany Karolina Fialho Souza](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212625

CAPÍTULO 6 81

DISCURSOS E USOS DO APLICATIVO *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POR PROFESSORES DE LÍNGUAS DO IFTM

[Mariana Nuccitelli Simões](#)

[Welisson Marques](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212626

CAPÍTULO 7 91

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

[Fabrício José da Silva](#)

[Rosângela Rodrigues Borges](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212627

CAPÍTULO 8..... 110

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

[Emilas Darlene Carmen Lebus](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212628

CAPÍTULO 9 124

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

[Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212629

CAPÍTULO 10..... 136

TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

[José Aelson da Silva Júnior](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126210

PARTE 2: LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

CAPÍTULO 11..... 149

POEMAS METALINGÜÍSTICOS PARA CRIANÇAS: ESTILOS DE SE CONCEBER E ENSINAR POESIA

[Ana Elvira Luciano Gebara](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126211

CAPÍTULO 12	159
A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS	
Ana Carla de Azevedo Silva Verônica Maria de Araújo Pontes	
DOI 10.37572/EdArt_28012126212	
CAPÍTULO 13	173
OS SENTIDOS E O ESTILO DE CACASO EM <i>GRUPO ESCOLAR</i>	
Guaraciaba Micheletti	
DOI 10.37572/EdArt_28012126213	
CAPÍTULO 14	190
A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM <i>LEÃO-DE-CHÁCARA</i> E O <i>GUARDADOR</i> , DE JOÃO ANTÔNIO	
Beatriz Meneses do Nascimento Maria Eneida Matos da Rosa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126214	
CAPÍTULO 15	200
AUTOCONSTRUCCIÓN EN <i>DOS VECES JUNIO</i> DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA	
María Angélica Vega	
DOI 10.37572/EdArt_28012126215	
CAPÍTULO 16	208
AS LÍNGUAS COMO PONTES: ABORDAGEM DA INTERCULTURALIDADE E DO PLURILINGUISMO LITERÁRIO EM PLE	
Isabelle Simões Marques	
DOI 10.37572/EdArt_28012126216	
CAPÍTULO 17	219
LEITURA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA COM CRÔNICAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA	
Eliene Cristina de Jesus Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126217	

CAPÍTULO 18	234
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCENDÊNCIA DA MÚSICA ARMORIAL NA CONTEMPORANEIDADE: MUDANÇA E CONTINUIDADE	
Marília Paula dos Santos Carlos Sandroni	
DOI 10.37572/EdArt_28012126218	
CAPÍTULO 19	243
ALÍCIA VEGA E O TALLER DE CINEMA PARA CRIANÇA: ESPAÇO DA ALEGRIA, DA EMOÇÃO E DA ARTE.	
Verônica Pacheco O Azeredo Inês Assunção de Castro Teixeira	
DOI 10.37572/EdArt_28012126219	
CAPÍTULO 20	253
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE FORMAÇÃO E DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	
Maria dos Anjos Pereira Rodrigues Lorena Michelle Bonifácio dos Santos Danilo Bizinotto Borges Vinícius Fonseca Maciel Felipe Mendes Marques Mateus Rosa Machado Júnior	
DOI 10.37572/EdArt_28012126220	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	263
ÍNDICE REMISSIVO	264

CAPÍTULO 7

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

Data de submissão: 16/11/2020

Data de aceite: 21/12/2020

Fabrizio José da Silva

PIBIC/Grupo de Pesquisas Linguísticas
Descritivas, Teóricas e Aplicadas
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).
<http://lattes.cnpq.br/6893336280962856>

Rosângela Rodrigues Borges

Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas,
Teóricas e Aplicadas
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).
<http://lattes.cnpq.br/8224228309109635>

RESUMO: Este trabalho contempla a análise duas *Redações do Enem* para investigar o como o escrevente dialoga com seus possíveis destinatários no processo de escrita. Para a análise dos dados, apoiamos em Bakhtin, especificamente nas noções de alteridade, exotopia, excedência de visão e cronotopo, e em Borges (2017) com a noção de cronotopo do endereçamento. Metodologicamente, apoiamos no Paradigma Indiciário, conforme Ginzburg (1989, 2006), e também na noção de excedente de visão para a busca e análise de indícios de como o escrevente dialoga (1)

com seus possíveis destinatários (voz social da academia, o [ex]-professor da Educação Básica/Cursinho e a banca examinadora), na introdução e na conclusão no gênero do discurso Redação do Enem e (2) com as noções de alteridade, exotopia, excedente de visão e cronotopo do endereçamento ao revelar imagens de si e possíveis imagens do outro nesse processo. Os resultados apontam que o escrevente refrata a si como também ao outro (destinatário) no processo de escrita, desvelando imagens por meio da alteridade, da exotopia, do cronotopo e da excedência de visão, construindo pontos de encontro que se configuram o cronotopo do endereçamento.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Alteridade; Redação do Enem; Escrita; Formação docente.

CHRONOTOPE OF ADDRESSING AND SURPLUS OF VISION IN THE WRITING OF PRÉ-UNIVERSITY STUDENTS

ABSTRACT: This work contemplates the analysis of two Enem *Writing* to investigate how the writer dialogues with his possible recipients in the writing process. For data analysis, they support us in Bakhtin, specifically in the notions of alterity, exotopy, surplus of vision and chronotope, and in

Borges (2017) with the notion of chronotope of addressing. Methodologically, we rely on the *Circumstantial Paradigm*, according to Ginzburg (1989, 2006), and also on the notion of a surplus of vision for the search and analysis of evidence of how the writer dialogues (1) with his *possible* addressees (social voice of the academy, [ex] -teacher of Basic Education /“Cursinho” and the examining board), in the introduction and conclusion in the genre of the Enem Writing speech and (2) with the notions of alterity, exotopy, surplus of vision and chronotope of addressing when revealing images of themselves and possible images of the other in this process. The results show that the writer refracts himself as well as the other (*addresses*) in the writing process, unveiling images through alterity, exotopia, chronotope and excess of vision, building meeting points that configure the chronotope of addressing.

KEYWORDS: Dialogism; Alterity; Enem Writing; Writing; Teachers education and training.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No contexto de produção da Redação do Enem, a maioria dos estudantes/pré-universitários tenta se alçar a certos domínios discursivos com vistas a uma vaga na universidade. No gênero do discurso Redação do Enem, exige-se o domínio de um texto dissertativo-argumentativo, valorado em até mil pontos. Para tanto, buscam ajuda em plataformas educacionais digitais, redes sociais e cursinhos preparatórios, bem como se valem da disposição do professor da Educação Básica e de macetes, dicas e roteiros disponíveis nas mais variadas esferas de comunicação digital: redes sociais, YouTube, Telegram, *blog*, *e-book*...

Entendemos, contudo, que o processo de escrita não é simplista e que não se traduz em dicas, macetes, roteiros, nem se limita ao estudo analítico de suas Competências. Nossa hipótese é a de que o escrevente pressupõe a existência de um esquema de texto, um modelo, principalmente na escrita da Redação do Enem, que lhe permite escrever um *bom texto* e atender às expectativas dos seus destinatários. Nesse processo tenso, dialógico e produtivo, alguns questionamentos ganham relevo e suas respostas, na maioria das vezes, convertem-se em macetes: “Como devo começar o meu texto?”, “Posso usar esse repertório em qualquer tema sobre cultura?”, “Preciso sempre apresentar mais de um agente em minha proposta?”. É esse ponto de tensão – o diálogo do escrevente na e com a escrita – o problema a que nos propusemos investigar.

Com base no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989, 2006) e no princípio dialógico constitutivo da linguagem proposto pelo Círculo de Bakhtin, objetivamos analisar como o escrevente dialoga (1) com seus destinatários (voz social da academia, o [ex]-professor da Educação Básica/Cursinho e a banca examinadora), na introdução e na

conclusão no gênero do discurso Redação do Enem e (2) com as noções de alteridade, exotopia, excedente de visão e cronotopo do endereçamento o ao revelar imagens de si e do outro nesse processo.

Para a análise, selecionamos duas redações de um rol de Redações Nota Mil - 2019/2018¹, ao buscar indícios de gestos de linguagem do escrevente - o pré-vestibulando e participante do Enem/2019-2018 - na organização da introdução e da conclusão do gênero do discurso Redação do Enem, para configurar o cronotopo do endereçamento, conceito apresentado mais adiante. Nesse processo, ter-se-iam imagens de si refratadas pelo cronotopo e pelo excedente de visão em seus gestos de linguagem indicativos das réplicas a seu(s) possível(eis) destinatário(s), por pressupor (ou ter sido orientado para) um modelo de *bom texto*, que atenderia às Competências exigidas pela prova e às expectativas dos destinatários em causa.

Este capítulo está organizado em cinco partes. Inicialmente, apresentamos os conceitos de dialogismo e de gêneros do discurso. Em seguida, tecemos considerações acerca das noções de alteridade, excedente de visão, exotopia e cronotopo. Na sequência, apresentamos a metodologia e a análise do corpus. Após a discussão e análise do *corpus*, apontamos os principais resultados e tecemos as considerações finais, procurando refletir acerca da importância do tema para a área de formação de professor para o ensino de escrita.

1. GÊNEROS DO DISCURSO EM PROCESSO CONTÍNUO DE DIÁLOGO

Compreender, na perspectiva bakhtiniana do dialogismo, implica participar de um diálogo com o texto, com discursos, esferas do letramento e com o outro, ainda que esse outro seja ele mesmo. Dada esta, entre outras implicações a respeito da compreensão de um texto, há de se considerar a premissa basilar para a compreensão de um enunciado: estar-se envolto em determinada situação de comunicação e com outros textos e discursos que possam refletir temáticas abordadas pelas situações de comunicação. Na esteira do pensamento de Bakhtin, temos, portanto, a língua como propriedade de ser dialógica por sua própria natureza. A constituição da linguagem na relação com o *outro* – dialogismo - opera como conceito-chave em Bakhtin. O dialogismo, conforme elucida Fiorin (2017), são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. Todo objeto aparece, pois, cercado, embebido e envolto em discursos. Discursos, que dizem respeito a qualquer objeto, não estão apresentados conforme a realidade em si, mas sim para outros discursos que os circundam. Por outras palavras, discursos, em

¹ Disponíveis em: www.vestibular.brasilecola.uol.com.br/enem. Acesso em: 4 set. 2020.

sua totalidade concreta, apresentam-se a partir de outros. Isso posto, resume-se e se define a *prima philosophia* bakhtiniana, a qual estaria voltada para a unicidade do ser e do evento. Relacionados ao dialogismo, estão os enunciados; e não as unidades da língua². Os enunciados são também irrepetíveis, acontecimentos únicos, pois cada vez apresentam uma apreciação e entonação próprios (FIORIN, 2017). As unidades da língua, sendo neutras, não possuem um destinatário; ao passo que os enunciados, sim. Ao assumir uma palavra, estamos dando um acabamento específico a ela - paixões, juízos de valor, emoções. Nesse momento, a palavra se converte em enunciado, sendo dirigida a um destinatário. Por conseguinte, em virtude do acabamento dado pelo sujeito, ao assumir uma palavra em determinado contexto, temos os chamados sujeitos cognoscentes, ou melhor, sujeitos de sua própria consciência.

Em Bakhtin, no que se refere ao dialogismo, temos três conceitos. O primeiro parte da premissa de que todo enunciado apresenta-se a partir de outros, sendo uma réplica elaborada àquele. Entram em cena, portanto, duas vozes. É o modo de funcionamento real da linguagem, o princípio constitutivo do enunciado (FIORIN, 2017). O segundo conceito trata da forma composicional do dialogismo: a incorporação pelo sujeito da(s) voz(es) de outro(s) no enunciado que Bakhtin chama de “concepção estreita do dialogismo”. Estreita porque, em consonância com o primeiro conceito de dialogismo, este está para além dessas formas: diz respeito ao modo de funcionamento real da linguagem. Em relação a essas diferentes maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso - discurso objetivado, bivocal, direto e indireto e discurso alheio não demarcado³ -, configura-se o funcionamento real da linguagem a partir do discurso do outro no enunciado. O terceiro conceito de dialogismo refere-se ao princípio da constituição do indivíduo em relação ao outro e ao princípio da sua ação.

A tese do dialogismo se sustenta nos domínios da racionalidade e da afirmação nas instâncias da consciência, vez que despreza a função que o inconsciente poderia desempenhar (CARVALHO, 2012). Nas palavras de Bakhtin (2010, p. 11), a “consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma”.

Diante disso, infere-se que o enunciador ocupa uma posição exterior, dado que o sujeito, para agir conscientemente, tem o privilégio de conhecer (ou supõe conhecer) - mais ou menos profundamente - o outro, a quem endereça a palavra, isto é, o seu

² Quando essas unidades são assumidas pelo sujeito, ganham sentido, acabamento e são transformadas em enunciados, configurando-se o princípio dialógico constitutivo da linguagem.

³ Apesar da relevância dos conceitos, não faremos a definição deles. Consultar: FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2017.

destinatário. Dessa feita, possui, portanto, um excedente de visão⁴ e de conhecimentos que lhes são familiares (ou não) com relação a este último. Assim como o enunciado, consciência e diálogo também são considerados um tipo de atividade não finalizável, marcados por sua irrepitibilidade (CARVALHO, 2012). Na relação entre o *eu* e o *outro*, existe, notadamente, um processo contínuo de diálogo, quer entre o autor e a personagem, quer entre o enunciador e o seu coenunciador, quer, ademais, entre o escrevente e o seu destinatário. Dito de outro modo, estamos nos referindo a um diálogo em andamento, sempre em processo. Na dupla pertença entre o *eu* e o *outro*, questiona-se a respeito do outro; no entanto, ao mesmo tempo se questiona sobre si mesmo, pois daí surgem suas posições axiológicas; ou seja, no contato com o diálogo, trazemos à baila aquilo que pode ser considerado, ou não, tanto valorativo como desprezível em relação ao outro. Portanto ambos os lados estão em contínuo processo de construção.

Os gêneros do discurso, tomados como tipos de enunciados relativamente estáveis, também são marcados por sua irrepitibilidade. Caracterizam-se, conforme Fiorin (2017), por seu conteúdo temático, apresentado por uma construção composicional e um estilo. Entendendo-os como meios de apreender a realidade, estão, portanto, em contínua modificação. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 281), esses elementos “fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e [...] são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação”.

Feitas essas considerações, passamos às noções de exotopia, excedente de visão e cronotopo.

2 EXCEDENTE DE VISÃO E CRONOTOPOS NA IDENTIFICAÇÃO COM O OUTRO

Ao enunciar, o sujeito ocupa uma posição exterior a si e ao coenunciador. Trata-se da exotopia, conforme Bakhtin, por considerar que o enunciador, na maioria das vezes, tem o privilégio de conhecer integralmente seu destinatário - ou coenunciador -, possuindo, como dito anteriormente, um excedente de visão. Em outras palavras, na relação axiológica entre *eu* e o *outro*, é possível formar em mim, esteticamente, a imagem externa do outro (BARBOSA, 2012). Sendo assim, sou eu que, a partir do meu único lugar na existência - que não deixa de ser privilegiado - posso dar um acabamento externo ao meu enunciado. Em Bakhtin (1975), temos que o excedente de minha visão em relação ao outro instaura um conjunto de atos internos ou externos e que o conhecimento advindo daí só eu posso formá-lo no que toca ao outro, de sorte que esse conhecimento possa completá-lo onde esse outro não pode se completar, pois, de certa forma, é inacessível a

⁴ Mais adiante, retomamos a noção de excedente de visão na escrita.

ele. Para Bemong e Borghart (2015), ao contemplar um ser humano situado exteriormente a mim ou defronte a mim, nossas experiências não coincidem, vez que, independentemente da posição e da proximidade do ser contemplado, no meu espaço exterior, sempre vejo algo que ele, do seu espaço exterior e frontal, não consegue ver. Disso resulta que alguns pontos somente são acessíveis a mim, não a ele, e vice-versa. No dizer de Bakhtin (2011, p. 23),

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (2011, p. 23).

Criatividade e diálogo dependem, portanto, da existência de um excedente, assim como a acontecimentalidade⁵. A esse mundo combinado entre acontecimentalidade, excedente e criatividade, temos o que Bakhtin chama de “não finalizabilidade”. De posse do diálogo, a existência no mundo, conforme Bakhtin, dá-se a partir de três instâncias que se inter-relacionam, quais sejam: o *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*. Sabe-se que o sujeito não pode assumir qualquer uma delas isoladamente. Na existência, ele atua transitando por esses três espaços. O *eu-para-mim* também envolve, mais ou menos marcadamente, a presença do outro. O outro também possui um excedente de visão suplementar a mim mesmo: o outro vê coisas que, do meu lado exterior, não consigo ver complementemente, seja meu corpo, minha expressão facial, seja minha existência. Como citado anteriormente sobre a excedência de visão, o inverso também acontece: o outro possui aquilo, ainda que em partes, me é inacessível. Em síntese: sou outro para um outro *eu-para-mim*, e minhas posições axiológicas dependem do *outro-para-mim*. Conforme Faraco, o autor-criador seria “uma posição refratada [...] porque se trata de uma posição axiológica recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; refratante porque é a partir dela que se recorta e reordena esteticamente os eventos da vida (apud RODRIGUES, 2012, p. 71).

Concernente à empatia e por meio do excedente de visão, no ato responsável, numa relação empática, o *eu* se identifica com o outro, ainda que esse outro possa ser, em partes, diametralmente oposto ao eu. Visto por esse viés, o excedente de visão também pode trazer à luz diferentes debates e tensionamentos, como o embate entre diferentes e diversos pontos de vista que moldam a consciência. No trânsito entre

⁵ Aquilo que acontece embora pudesse não ter acontecido, aquilo que torna um acontecimento não apenas algo que pura e simplesmente acontece, caracterizamos acontecimentalidade (BEMONG e BORGHART, 2015). Essa qualidade - a de acontecer algo não previsto - constitui a acontecimentalidade.

posições axiológicas, discursos políticos, por exemplo, mostram-se como a realidade do embate entre perspectivas, que tem por finalidade convencer seu destinatário. Nesse caso, o seu eleitor, ainda que tais pontos de vista possam contrariar, em larga medida, a outros eleitores e, nesse contexto, estes não se apresentariam como tais em relação àquele possível candidato. Desse modo, infere-se que as relações dialógicas se definem em razão do jogo no qual entram em cena o campo da visão e aquilo que o excede - o excedente.

Relacionada à noção de excedente de visão está a de cronotopo, que surge com o fim de determinar a imagem do homem na literatura. *Cronós* designa tempo; *tópos* constitui o espaço. Ambos determinam, segundo Bakhtin, uma representação do mundo. Em Bakhtin, a noção de cronotopo é explicitada como “a interligação fundamental das relações espaciais e temporais, artisticamente assimiladas em literatura” (2014, p. 211). Sendo uma categoria conteudístico-formal, a partir da interação mútua entre tempo e espaço, representa o mundo e determina a imagem do homem - o sujeito, os autores, os enunciadores - nos textos. Para Bakhtin toda língua é inerentemente cronotópica. Os cronotopos emergem da densidade e da fusão de indicadores temporais e espaciais e surgem “a partir do papel da linguagem na mediação da relação entre subjetividade e intersubjetividade, na transformação recíproca da percepção individual [...] e de termos partilhados, mas abstratos, em modelos que dão forma inteligível à percepção privada (LADIN, 2015, p. 173).

Numa relação dialógica, o tempo se concretiza, se encarna; ao passo que o espaço torna-se carregado, respondendo aos movimentos do tempo. A interligação entre este e aquele forma, por conseguinte, um todo concreto cuidadosamente pensado. O sujeito constrói temporalidades e espacialidades, constrói-se e se (re)formula a partir das relações entre sujeitos, tempos e espaços eles, na e pela linguagem. Entendido no campo das relações anafóricas, os cronotopos também podem coexistir. Entrelaçando-se uns aos outros, tomando seu sentido a partir das referências com as quais dialoga, podem confrontar-se, opor-se (ou não), assim como acontece com os gêneros do discurso e os enunciados, marcados por sua irrepetibilidade, relativamente estáveis. Em literatura, ao empregar o cronotopo para o estudo de determinada obra, são realizadas análises das mudanças do tempo no espaço, do desenrolar do enredo, representando, de saída, o mundo ficcional inerente à narração e elaborado pelo autor. Por outro lado, no estudo com os gêneros do discurso, é sabido que cada gênero possui um cronotopo (ALVES, 2012).

No tempo e no espaço, são construídas, portanto, imagens do mundo, transformadas em realidade. Segundo Cabral (2012), em Kant, entendemos a questão

espaço-temporal atuando como condições transcendentais do conhecimento e, para Einstein⁶, tempo e espaço seriam o “tecido do mundo”, que determinam o comportamento dos corpos. Bakhtin, por seu turno, os entende como materiais objetivos da própria realidade efetiva, representando, por essa razão, a experiência e suas possibilidades de concretização. O tempo passa, então, a ser representado como evento concreto e imediato, um tempo em construção de acordo com a realidade imediata. Já o espaço seria o palco onde geograficamente ocorrem as ações da personagem (CABRAL, 2012), em se tratando de literatura.

Os cronotopos não se apresentam somente nos textos literários: opiniões, retórica governamental, discursos de representações midiáticas, campanhas de anúncios publicitários - os gêneros do discurso de um modo geral - também se afiguram num palco em que cronotopos podem ser estrelados. Em sua teoria do romance (1990), Bakhtin apresenta diversos tipos de cronotopos, que emergem indissociáveis dos índices do tempo transparecidos no espaço: o cronotopo da estrada, do encontro, da sala, do castelo, do salão, da cidade, do caminho. Numa visão panorâmica, cronotopos representam o motivo do encontro. O cronotopo da estrada, tomado inicialmente, representaria o encontro/desencontro/convergência de trilhas. O do castelo, a saturação do passado histórico; ao passo que o do salão, por exemplo, representaria as salas de visita e a miniatura das relações sociais, dentre outros exemplos de cronotopos. Por esses caminhos (cronotopos), podem-se reconhecer os indícios de transformações do mundo a partir do princípio constitutivo dialógico da linguagem.

Num plano da escrita, pensando no trabalho com os gêneros do discurso, Borges (2017) apresenta o *cronotopo do endereçamento*. Este, por sua vez, “se configuraria como uma estrada virtual, análoga ao cronotopo da estrada, proposto por Bakhtin (2014, p. 223), com pontos de encontro que indicariam, de forma mais (ou menos) marcada, o diálogo do escrevente com os seus possíveis destinatários” (BORGES, 2017, p. 24). Tal conceito mostra-se relevante para este trabalho, pois, numa relação axiológica entre o *eu* e o *outro*, por meio do excedente de visão, há em mim a imagem externa inacabada do outro. Para dar o seu acabamento externo, pela alteridade e pelo princípio dialógico constitutivo da linguagem, no plano textual, eu endereço a palavra a outrem, presumindo quem ele seja - *cronotopo do endereçamento*.

O escrevente/autor assume, assim, a posição do *outro-para-mim* no processo de constituição da escrita. Noutras palavras, o sujeito se distancia de si e, pela excedência de

⁶ Como aponta Alves (2012), certamente Bakhtin se apropria da matemática e dos conceitos de Einstein, ao tecer suas considerações a respeito do tempo e do espaço. Morson e Emerson (1990, p. 372 apud LADIN, 2015, p. 165) também lembram que: “o ensaio do cronotopo e os escritos correlatos faziam parte do grande projeto do seu terceiro período, elucidar e exaltar o gênero do romance”.

visão, tentar dar o acabamento ao enunciado, em constante diálogo com o outro. Desse modo, não há uma relação que só exista completa e inteiramente em relação do *eu* para consigo mesmo (RODRIGUES, 2012). Na responsabilidade do ato da resposta, mediada pela consciência, o sujeito/escrevente/autor singulariza e objetiva a sua identificação com outro indivíduo, mesmo que pequena e parcialmente. Se, por um lado, à medida que essa identificação tende ao crescimento, aumentam-se o alcance, a compreensão e a harmonia concernentes ao diálogo; por outro, de encontro à harmonia, à medida que essa identificação tende a diminuir, constata-se, também, gradativamente, a ineficácia das relações dialógicas. A esse respeito, temos que:

Se, por um lado, o processo de fala/escrita se particulariza no escrevente, por outro, seus “equivocos” são repletos de respostas que denunciam a **convivência** de práticas sociais, as quais, por sua natureza histórica, se transformam, estabelecendo novas relações dialógicas. Eis um modo interessante de vincular a criatividade do falante/escrevente à **particularidade** de sua inserção histórica e de suas relações com o enunciado do outro (CORRÉA, 2003, p. 69 grifos nossos).

No tocante aos gêneros do discurso, estes se encarregam de explicitar a convergência dos embates decorrentes da identificação como um *continuum*: experimentação e vivências no tempo. Nesse sentido, Bakhtin (apud MACHADO, 2010, p. 15) apresenta alguns dos movimentos organizados no tempo, com base em posições axiológicas: a compenetração e o acabamento. Aquela sendo a vivência concreta do que o outro vive: viver os sentimentos do outro na perspectiva do outro, tal qual ele o vivencia, sem confundir as duas vivências postas em cena. Este sendo o momento da construção estética, que, por meio do retorno à consciência do enunciador, constrói-se um acabamento, ou seja, assume uma posição enunciativa e adota, simultaneamente, uma atitude responsiva ativa: ora concorda e discorda, ora completa e adapta, ainda que parcialmente (BAKHTIN, 2011). Na seção que segue, a partir de e mediante os conceitos já elencados, são explicitadas noções que envolvem a metodologia e a análise do *corpus*.

3. ESCREVER SOBRE PARTICULARIDADES NO PROCESSO DE ANÁLISE

A noção de cronotopo relaciona-se, segundo Borges (2017), mais fortemente com a noção de espacialidade, ou seja, o espaço é sócio e historicamente constituído pelo sujeito que, pela linguagem e no diálogo com o(s) outro(s), transita nas temporalidades para definir, ou melhor, construir imagens e representações dos espaços. A noção de excedente de visão, no caso, está mais para a temporalidade e, portanto, para o sujeito, que atua *na* e *com* a linguagem numa forte relação de alteridade - uma relação que só existe a partir do contraste com o mundo do outro.

As noções de temporalidade e de espacialidade são utilizadas para, na análise da escrita de pré-universitários, envolvendo ensino de escrita, tomar a noção de excedente de visão como ponto de observação, conforme proposto por Borges (2017). Em parte, baseamo-nos no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) e, ainda com maior ênfase, no princípio bakhtiniano da propriedade dialógica da linguagem.

Na análise dos dados, ancoramo-nos no paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989, 2006), associado à noção de excedente de visão operacionalizada como um modo de o pesquisador olhar para os dados singulares do objeto de pesquisa, conforme Borges (2017). O excedente de visão é aqui entendido como um modo de olhar: (i) do pesquisador durante o processo de análise; e (ii) do escrevente no processo de constituição da escrita - escrita aqui entendida como um modo de enunciação. Para tal, trabalhamos com a comparação, identificação, observação e análise de indícios dos gestos de linguagem⁷ do autor/escrevente em seu percurso pela linguagem, de sorte que seus movimentos - de retomada ou de antecipação – pudessem explicar fatos discursivos.

Em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989), Ginzburg se refere ao paradigma indiciário como um “método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores [e que] pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais “baixos,” forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano (1989, p. 150). Enfoca, nesse livro, a analogia existente entre Giovanni Morelli, crítico; Sherlock Holmes, personagem de Arthur Conan Doyle; e Freud. Isso porque os três desenvolveram seus métodos nos indícios diminutos e dados marginais⁸. Para Morelli, por exemplo, os dados eram reveladores dos momentos em que o artista fugia completa e totalmente ao seu controle, dando espaço às idiosincrasias, sem que ele se desse conta disso, ou seja, revelando traços puramente individuais.

Tinem e Borges (2003) afirmam que, por meio da utilização desse paradigma, Ginzburg mostra que se basear naquilo que não é típico, isto é, naquilo que é, muitas vezes, desconsiderado, pode ser uma alternativa mais eficiente para a descrição dos dados, visto que esse método “constitui um caminho mais rico e produtivo, embora mais acidentado (talvez exatamente por isso) para essa caracterização” (TINEM; BORGES, 2003, p. 7).

Pela excedência de visão e pelo olhar de Ginzburg (2006), no processo de análise e de interpretação das redações do Enem – texto dissertativo-argumentativo -, buscamos indícios: (1) de como o escrevente dialoga com seus destinatários nas seções introdução e conclusão e (2) de como esse escrevente estrutura o cronotopo do endereçamento como

⁷ Entendidos aqui como movimentos de retomada e antecipação no diálogo com seus possíveis destinatários.

⁸ Segundo Tinem e Borges (2003, p. 1), “Ginzburg introduziu uma nova maneira de fazer História, alimentando a ideia de transgredir as proibições da disciplina e ampliando seus limites, em uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais, intemporais ou negligenciáveis [...]”.

forma de dialogar com os seus possíveis destinatários. Na seção seguinte, procuramos discutir e apresentar as análises e os resultados das interpretações das redações.

4. A REDAÇÃO DO ENEM COMO UM DIÁLOGO MEDIADO PELO EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA

A Redação do Enem é caracterizada como um gênero secundário, vez que se encontra em edições do Enem e exige formulações que não dizem respeito às esferas cotidianas. Não é entendida aqui apenas como um gênero escolar, mas como um gênero que faz parte da vida de sujeitos que se preparam, ao longo de um ou mais anos, independentemente do grau de escolaridade, para prestar o Enem com vistas ao ingresso no Ensino Superior. Inserida no campo das linguagens, a Redação do Enem exige do participante o domínio das Competências: (I) Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa; (II) Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa; (III) Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista; (IV) Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação; e (V) Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos (INEP, 2019, p. 6).

Retomando o conceito de cronotopo, é preciso explicitar sua função no plano da escrita. Um cronotopo exerce sua função no momento em que se determina, na escrita, a imagem de seu enunciador por meio da excedência de visão, refletindo, pois, a realidade incorporada e materializada no tempo e no espaço. No que concerne à Redação do Enem, o escrevente, por meio do excedente de visão e do cronotopo, reflete sua imagem e sua(s) intenção(ões) tentando se apresentar como autor⁹ do que diz, num processo de construção da imagem de universitário que acredita ser a que a banca deseja. O dizer do enunciador situa-se, portanto, espaçotemporalmente e em constante diálogo com o outro.

Na alternância entre as noções de alteridade, cronotopo e excedente de visão, o escrevente dialoga com o(s) seu(s) possível(eis) destinatário(s). Segundo Bakhtin (2011, p. 328-335), estes são: destinatário imediato (aquele que divide o horizonte comum com o enunciador, o mais próximo do enunciador, a quem se endereça o texto), presumido (aquele com o qual o enunciador lida de modo a presumir quem seja, procurando antecipar suas réplicas de acordo com a compreensão sobre esse destinatário não tão próximo) e

⁹ Usamos "autor" como sinônimo de "produtor de um texto", ou seja, o enunciador.

sobredestinatário (aquele que representa a voz de uma instituição, aquele que nunca está presente no seu modo físico, ou seja, aquele mais distante do enunciador). No contexto da escrita da Redação do Enem, entendemos como destinatário imediato o professor da Educação Básica e/ou Cursinho; o destinatário presumido como a banca examinadora da Redação do Enem e o sobredestinatário como a voz de uma instituição, a voz social da academia.

Partindo dos conceitos de cronotopo, excedente de visão e outras noções que envolvem o princípio dialógico da linguagem, apresentamos, na sequência, considerações acerca da análise da *introdução* e da *conclusão* (nosso objeto de análise) de duas redações nota mil das edições de 2019 e de 2018,¹⁰ cujos temas contemplam, respectivamente: “Democratização do acesso ao cinema no Brasil” e “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet”. Apresentamos, ao mesmo tempo, réplicas do escrevente a seus possíveis destinatários (voz social da academia, professor da Educação Básica/Cursinho, banca examinadora), entendidas como gestos de linguagem que revelam a imagem do escrevente e do(s) destinatário(s) no processo de escrita. Ainda que as redações sejam de livre acesso na página Uol.com, na análise, foi utilizada a identificação “escrevente 01 - E1” e “escrevente 02 - E2.”

Vejamos as *partes introdutória* e *conclusiva* da Redação do escrevente 01 (Enem 2019):

(E1) Aristóteles, **grande pensador da Antiguidade**, defendia a importância do conhecimento para a obtenção da plenitude da essência humana. **Para o filósofo, sem a cultura e a sabedoria**, nada separa a espécie humana do restante dos animais. **Nesse contexto**, destaca-se a importância do cinema, desde a sua criação, **no século XIX, até a atualidade**, para a construção de uma sociedade **mais culta**. **No entanto, há ainda diversos obstáculos que impedem a democratização do acesso a esse recurso no Brasil**, centrados na elitização do espaço público e **causadores da insuficiência intelectual** presente na sociedade. **Com isso, faz-se necessária uma intervenção** que busque garantir o acesso pleno ao cinema para **todos os cidadãos brasileiros** (Grifos nossos).

(E1) **Portanto, fica evidente a importância do cinema para a construção de uma sociedade mais culta e a necessidade de democratização desse recurso**. **Nesse âmbito**, cabe ao Ministério da Educação e da Cultura¹¹ promover **um maior acesso** ao conhecimento e ao lazer, por meio da instalação de cinemas públicos nas áreas urbanas mais periféricas - **que deverão possuir preços acessíveis à população local** -, **a fim de evitar a situação de alienação e insuficiência intelectual** presente nos membros das classes mais baixas. **Desse modo**, o cidadão brasileiro poderá atingir a condição de plenitude da essência, **prevista por Aristóteles, destacando-se, logo, das outras espécies animais**, através do conhecimento e da cultura (Grifos nossos).

¹⁰ Durante a seleção das redações, foram analisadas, também, outras produções. Contudo, neste trabalho, consideramos que as duas redações contemplam, a contento, nossos objetivos.

¹¹ O escrevente se refere ao MEC.

No exemplo em tela, na seção *introdução*, pode-se reconhecer, numa relação de alteridade, o diálogo do escrevente com os seus principais destinatários em voga: presumido e imediato. Direcionando-se à banca examinadora,¹² seu destinatário presumido, o escrevente delinea um cronotopo do endereçamento que, por meio da exotopia e excedência de visão, o situa no tempo e no espaço, na escrita, parafraseando a ideia de um renomado pensador da Antiguidade: Aristóteles. Relativamente ao diálogo com o professor da Educação Básica/Cursinho, seu antigo destinatário imediato, E1 possivelmente se lembra de suas orientações para com o texto dissertativo-argumentativo ao traçar seus pontos de vista.

Por meio da excedência de visão e numa relação de alteridade, movido por forças centrípetas,¹³ seus gestos de linguagem indiciam que, ao citar, por exemplo, o aposto explicativo “grande pensador da Antiguidade”, estaria demonstrando à banca não só conhecimentos de ordem filosófica e intelectual, como também dos mecanismos linguísticos e gramaticais necessários ao gênero, atendendo, mais especificamente, às Competências 1, 2 e, conseqüentemente, à 3. Na mesma direção, quando diz: “Para a construção de uma sociedade mais culta”, especialmente com a adjetivação “mais culta”, o escrevente procura dialogar com a parcela da sociedade escolarizada. Mesmo não fazendo parte dessa parcela da sociedade, esses gestos de linguagem, no processo de construção de uma imagem de si e do outro, por meio do excedente de visão, são uma tentativa de o escrevente se inserir no campo dos cultos, intelectuais e eruditos.

Na avaliação feita pela banca examinadora do Enem, isso colabora mais significativamente com as Competências 1 e 2, as quais exigem do participante o domínio da formalidade da língua, bem como a aplicação das várias áreas do conhecimento, a fim de se desenvolver o tema. Nesse gesto do escrevente, evidencia-se a formalidade em suas palavras, mas também em seus pontos de vista, uma vez que defende a ideia de uma sociedade mais culta conforme proposta por Aristóteles. Pela excedência da visão, pode-se pressupor que daí decorre o seguinte questionamento: “Como posso defender a ideia de uma sociedade mais culta, se não escrever completa e inteiramente formal?”. Ressalte-se, ainda, o cuidado com que organiza as sentenças e, posteriormente, as suas ideias, na escrita, para mostrar à banca o possível sujeito com o qual a universidade - suposto pelo candidato -, deseja trabalhar: culto, intelectual, crítico e, por vezes, engajado

¹² O conhecimento acerca da banca é construído por intermédio das orientações dos professores do Ensino Médio, ao dizer que a avaliação é feita por banca especializada.

¹³ Bakhtin (2015) afirma que todo enunciado é uma unidade contraditória movida por forças centrípetas e centrífugas. Enquanto aquelas tendem a conter a heterogeneidade e a dispersão; estas, por sua vez, tendem a valorizar a constituição do heterodiscurso: a ironia, a polêmica clara ou velada, a hibridização, a sobreposição de vozes.

nas relações humanas. Essa estratégia se repete na última sentença. Para dar um tom de fechamento à *introdução*, o escrevente termina com: “para todos os cidadãos brasileiros”. Numa análise sucinta, temos, aqui, sua própria imagem desejada como cidadão dialogando com a banca, a saber: justo e igualitário.

Conectivos como “no entanto”, “com isso” e “nesse contexto” são os mais visíveis indícios do diálogo do escrevente com os seus destinatários, quer de conformidade, quer de oposição ao que foi dito anteriormente. Ademais, note-se que o uso desses conectivos é diversificado, não apresenta repetições e colabora para a conexão das relações semânticas propostas pela coesão sequencial empregada, atendendo, portanto, às exigências da Competência 4. Na parte *conclusiva* da redação, a retomada do tópico frasal e o conectivo “portanto” mostram-se como a realidade mais nítida e imediata do diálogo do escrevente com os seus destinatários. Novamente, numa relação de alteridade e pela excedência de visão, tem-se mais um indício do diálogo com orientações do professor da Educação Básica/cursinho: a redação organizada em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão). O escrevente, no caso, parece querer mostrar à banca, com o uso de “portanto”, o início da terceira parte da redação – a conclusão. Entendemos que o modo como o texto é construído pode indiciar ser a parte conclusiva, não sendo obrigatório o uso de um “portanto”. A inclusão do “portanto” mais parece ser uma sinalização para a banca compreender que deu início à conclusão do texto.

Observa-se, ainda, que, a partir da confirmação de sua tese, “importância do cinema para a construção de uma sociedade mais culta”, o escrevente tece uma proposta de intervenção mais bem detalhada, a fim de atender plenamente à Competência 5. Com esses gestos, o escrevente também indicia à banca, de uma maneira ou de outra, o conhecimento de sua parte acerca de dois critérios de avaliação da redação: observância da estrutura organizacional do texto e inclusão de uma proposta de intervenção.

Com esses gestos de linguagem, revela uma imagem de si que vai ao encontro daquela que foi proposta em sua *introdução*: justo, democrático e igualitário. Tome-se como exemplo a sentença: “a fim de evitar a situação de alienação e insuficiência intelectual”, ou seja, aqui se propõe, às claras, uma democratização do acesso à cultura, como desejado pelo tema da Redação, algo que também poderia satisfazer, em larga medida, à banca examinadora. Na *conclusão*, retoma mais nitidamente a ideia defendida por Aristóteles, dando indícios, para seus destinatários, de um final perfeito, um quase “felizes para sempre”. Na medida em que se situa no tempo e no espaço por meio de suas escolhas, mediadas pelo excedente de visão se sempre numa relação de alteridade, desvela-se a imagem supostamente desejada aos seus possíveis destinatários e, agora,

também, ao sobredestinatário, a voz social da academia.¹⁴ Tais gestos configuram-se indícios do cronotopo do endereçamento.

O texto de E2 (Enem 2018) é constituído de quatro partes. Na análise, consideramos a primeira como *introdução* e a última como *conclusão*. Vejamos as duas partes.:

(E2) Em sua canção “Pela Internet”, o cantor brasileiro Gilberto Gil louva a quantidade de informações disponibilizadas pelas plataformas digitais para seus usuários. **No entanto, com o avanço de algoritmos** e mecanismos de controle de dados desenvolvidos por empresas de aplicativos e redes sociais, essa abundância vem sendo restringida e as notícias e produtos culturais vêm sendo cada vez mais direcionados – **uma conjuntura atual apta a moldar os hábitos e a informatividade dos usuários. Desse modo, tal manipulação do comportamento de usuários pela seleção prévia de dados é inconcebível e merece um olhar mais crítico de enfrentamento.** (Grifos nossos).

(E2) **Portanto, são necessárias medidas capazes de mitigar essa problemática. Para tanto, as instituições escolares são responsáveis** pela educação digital e emancipação de seus alunos, com o intuito de deixá-los cientes dos mecanismos utilizados pelas novas tecnologias de comunicação e informação e torná-los mais críticos. Isso pode ser feito pela abordagem da temática, desde o ensino fundamental – uma vez que as gerações estão, cada vez mais cedo, imersas na realidade das novas tecnologias -, de maneira lúdica e adaptada à faixa etária, **contando com a capacitação prévia dos professores acerca dos novos meios comunicativos.** Por meio, também, de palestras com profissionais das áreas da informática que expliquem como os alunos poderão **ampliar seu meio de informações e demonstrem como lidar com tais seletividades, haverá um caminho** traçado para uma sociedade emancipada. (Grifos nossos).

Na *introdução*, E2 escolhe se situar no tempo e no espaço de uma maneira contrária a E1: apesar de ambos estabelecerem uma relação com o repertório utilizado que contextualiza a temática, E1 se vale do pensamento de um filósofo inserido numa cultura erudita,¹⁵ para, em sua tese, demonstrar que se encontra em conformidade com o que foi dito pelo autor; ao que passo que E2 cita uma música, que, com determinada frequência, pode ser considerada parte da “boa” cultura, mas, ao mesmo tempo, opõe-se ao que foi dito pelo referido cantor.

Tanto E1 quanto E2, pela excedência de visão e pelo cronotopo do endereçamento, evidenciam suas posições axiológicas: tecendo um diálogo com os seus destinatários, atentam-se para o fato de que, talvez, a banca possa não se sentir convencida com um repertório apresentado que, *a priori*, não revelaria um bom nível de intelectualidade. Desse modo, E1 demonstra sua imagem de culto e intelectual por meio da conformidade com essas noções; E2, por sua vez, para não correr o risco de não mostrar certo nível de criticidade e erudição, demonstra sua oposição a tais noções. Portanto, ainda que a banca pudesse desconsiderar o uso pertinente do repertório, E2, refletindo sua criticidade,

¹⁴ O escrevente tentar se mostrar, no processo de escrita, como um sujeito crítico, consciente e engajado com o qual se identifica a Universidade - lugar onde se deseja encontrar.

¹⁵ Saliente-se que o repertório utilizado por E1 não constava nos textos motivadores da edição do Enem de 2019.

opõe-se à canção citada e ainda faz um paralelo com os dias atuais. Com esses gestos de linguagem permeados de acabamento estético, E2 atende às Competências 2 e 3. Novamente, assim como acontece em E1, temos, em E2, temos indícios acerca do conhecimento das Competências exigidas pela prova que levam o escrevente a inserir no texto gestos de linguagem para o diálogo entre ele – escrevente, a banca examinadora do Enem (destinatário presumido) e a voz social da academia (o sobredestinatário).

A retomada do tópico frasal, na *conclusão*, não é contemplada por E2, em contraste a E1. Aqui, há um nítido diálogo do escrevente com o seu destinatário imediato - o professor da Educação Básica/Cursinho -, pois o escrevente possivelmente se lembra da orientação do professor para se situar no início da *conclusão*¹⁶: “Portanto, são necessárias medidas...”. Entretanto, note-se que, embora apresente esse recurso como forma de dialogar com seus destinatários, no trânsito entre o excedente de visão, a alteridade, o cronotopo e movido por forças centrípetas e centrífugas, E2 investe em uma proposta de intervenção social mais bem detalhada, tentando contemplar plenamente a Competência 5. Ao utilizar “instituições escolares são responsáveis”, percebe-se que E2 não se preocupa em modalizar a linguagem, dando indícios de uma voz mais autoritária objetivando, talvez, ou dificultar a refutação por parte da banca, seu destinatário presumido, ou ainda se mostrar totalmente seguro do que propõe.

Na mesma direção, após detalhar sua primeira proposta de intervenção, note-se que E2 também não se preocupa em demasia com a segunda proposta, certamente porque se lembra de outra instrução indicada por seu professor: “sendo o parágrafo constituído de duas propostas, pelo menos uma das propostas apresentadas precisam estar detalhadas...”, dialogando com seu destinatário imediato mediante a excedência da visão. No entanto, com o uso da expressão: “profissionais da área da informática”, mesmo que indiretamente, E2 procura se esquivar de não atender plenamente à Competência 5, pois, na sentença que segue, diz: “que expliquem”, ou seja, há a intenção, nesse momento, de dizer à banca que esse conhecimento concerne a eles - os profissionais da informática -, vez que dá indícios de que o escrevente não os possui, não é da sua área.

Finalizando, cita “haverá um caminho”, possivelmente para minimizar o tom autoritário em suas palavras anteriores, dando indícios de outros caminhos possíveis à banca examinadora. Busca, assim, criar uma imagem positiva de si para o(s) destinatário(s) e alcançar um pleno domínio do que acredita ser um bom texto, por meio de réplicas a seus possíveis destinatários. Retomando Faraco, citado por Rodrigues (2012), o autor é uma posição refratada e refratante. Assim, o escrevente refrata a si mesmo, cria uma

¹⁶ Historicamente, cursinhos preparatórios para o vestibular/Enem, e mesmo professores do Ensino Médio, fazem uso desse tipo de orientação.

imagem de si e, ao mesmo tempo, refrata o outro, numa relação de alteridade com o outro, processo mediado pelo excedente de visão e pelo cronotopo do endereçamento (BORGES, 2017). Ainda que certos recursos linguísticos estejam ausentes, conforme Bakhtin (2011, p. 327), “ainda assim o enunciado refletirá, com grande agudeza, a influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos de que necessita”.

Ancorados nessas análises, os resultados apontam que o enunciado reflete o diálogo do escrevente com o(s) destinatário(s). Para tanto, faz uso de estratégias para a constituição do que acredita ser um *bom texto*. Essas estratégias indiciam noções de alteridade, cronotopo do endereçamento e excedente de visão sendo mobilizadas no processo de escrita da Redação para atender às Competências do Enem. Tais noções fundamentam o percurso do escrevente no trabalho com a escrita ao procurar construir imagem(ns) refratadas tanto em relação a si, escrevente pré-universitário - quanto em relação a seu(s) destinatário(s). A tomada de decisões reveladoras das escolhas de posições axiológicas determinadas pelo escrevente, bem como a significância dessas escolhas na constituição da escrita são indicadas na materialidade do texto por meio do cronotopo do endereçamento o que nos leva a afirmar que, no processo de escrita da Redação do Enem, o escrevente define pontos de encontro para a banca examinadora, ou seja, como ele atende a cada um dos critérios definidos em cada competência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos como o escrevente dialoga com (1) seus destinatários (voz social da academia, o [ex]-professor da Educação Básica/Cursinho e a banca examinadora), na introdução e na conclusão no gênero do discurso Redação do Enem e (2) as noções de alteridade, exotopia, excedente de visão e cronotopo do endereçamento ao revelar imagens de si nesse processo, bem como as imagens que constrói para o outro. Para tanto, utilizamos o paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989, 2006), ao buscar indícios de como o escrevente dialoga com os seus destinatários, por meio das noções de alteridade, cronotopo e excedente de visão - propostas pela teoria de Bakhtin e o Círculo, na *introdução* e na *conclusão* do gênero do discurso *Redação do Enem*.

Observamos que o escrevente refrata a si como também ao outro (destinatário) no processo de escrita, desvelando imagens por meio da alteridade, da exotopia, do cronotopo e da excedência de visão, construindo pontos de encontro que se configuram o cronotopo do endereçamento. Assim, as relações dialógicas entre escrevente e destinatário se dão nas réplicas por meio das quais se indiciam posições axiológicas

adotadas pelo escrevente na constituição da escrita tendo em vista seus possíveis destinatários.

A produtividade da noção de cronotopo do endereçamento está em compreender que o escrevente busca marcar o diálogo com seus destinatários procurando antecipar valorações que esses possam fazer acerca de sua escrita num processo de refração de si e do outro. Pensar essas noções no contexto de cursos de formação de professores para o ensino de escrita pode contribuir para a reflexão da não gratuidade do que o escrevente faz na escrita, mesmo quando ele (parece) que ele está seguindo um modelo, uma dica, um macete.

Como principais resultados deste trabalho, destacamos a importância de o professor de ensino de escrita compreender as noções de alteridade, exotopia, excedente de visão, cronotopo e cronotopo do endereçamento para entender como e por que o escrevente observa ou não o modelo de texto dado ou ainda porque o escrevente mobiliza determinadas estratégias no texto.

No ensino da escrita da Redação do Enem, por exemplo, o professor da Educação Básica/Cursinho poderia valer-se dessas noções para analisar redações bem avaliadas mostrando que estratégias foram usadas pelos pré-universitários no diálogo com o(s) seu(s) possível(eis) destinatário(s).

REFERÊNCIAS

ALVES, M. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. *Signótica*, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012.

BAKHTIN, M. M. (1895-1975). Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 278-327.

BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica). In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1990. p. 211-362.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. *Estética da criação verbal*. 5. ed. rev. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Estética da criação verbal*. 6. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. 16. ed. São Paulo, Hucitec, 2014.

_____. *Teoria do romance I: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARBOSA, E. A. O narrador em Mikhail Bakhtin. In: BRANDÃO, L. A. (Org.). *Respostas a Bakhtin*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

BEMONG, N.; BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (Orgs). *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas/* Nele Bemong, et. Al.; tradução Oziris Borges Filho, et. al. - 1. Ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORGES, R. R. *Escrita de professores em formação inicial: o papel do excedente de visão*. 2017.269 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BRANDÃO, L. A. (org.). *Respostas a Bakhtin*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. CARVALHO, M. E. M. Diálogo, consciência e alteridade: notas sobre a teoria do romance de Mikhail Bakhtin. In: BRANDÃO, L. A. (Org.). *Respostas a Bakhtin*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

CABRAL, C. A. Imagens do mundo: notas sobre o cronotopo no pensamento de Bakhtin. In: BRANDÃO, L. A. (Org.). *Respostas a Bakhtin*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

CONFIRA REDAÇÕES NOTA MIL NO ENEM 2018, *Brasil Escola*, 2020. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/enem/conheca-as-redacoes-nota-mil-enem-2018/345063.html> Acesso em: 18 de set. 2020.

CONFIRA REDAÇÕES NOTA MIL NO ENEM 2019, *Brasil Escola*, 2020. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/enem/enem-2019-estudantes-nota-1000-dao-dicas-para-redacao/347658.html> Acesso em: 18 de set. 2020.

CORRÊA, M. L. G. *Linguagem & comunicação social: visões da lingüística moderna*. Parábola, 2003.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin/* José Luiz Fiorin. 2. Ed. 1. Reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2017.

GINZBURG, C. 1939 - *Mitos, Emblemas, sinais: morfologia e história/* Carlo Ginzburg; tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição/* Carlo /Ginzburg; tradução Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão técnica Hilário Franco Jr. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

INEP. *Redação no Enem 2019: cartilha do participante*, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem2019_cartilha_participante.pdf Acesso em: 18 de ago. 2020.

LADIN, J. “Não era morte”: a carreira poética do cronotopo. In: BEMONG, N.; BORGHART, P.; DOBBELEER, M.; DEMOEN, K.; TEMMERMAN, K.; KEUNEN, B. (Orgs). *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. Tradução Oziris Borges Filho, et.al. - 1. Ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*, v. 1, p. 203-234, 2010.

RODRIGUES, F. W. Uma estética bakhtiniana: o eu no outro e a definição do literário. In: BRANDÃO, L. A. (Org.). *Respostas a Bakhtin*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

TINEM, N.; BORGES, L. Ginzburg e o paradigma indiciário. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. *Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa*. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <<https://arquivopublicors.files.wordpress.com/2015/11/2015-11-25-anais-xii-mostra-de-pesquisa.pdf> > Acesso em: 16 de dez. 2020.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Índice Remissivo

A

Acción semio-técnica 115, 117, 118, 119, 121

Alícia Vega 243, 244, 245, 246, 247, 252

Alteridade 91, 93, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 210, 211, 212, 214, 224, 250

Análise de Discurso Crítica 1, 2, 7, 19

Análise do Discurso 8, 20, 22, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 47, 65, 81, 83, 84, 86, 90, 125, 126, 128, 135, 173, 174

Argumentação 14, 16, 17, 32, 34, 35, 41, 46, 47, 101, 125, 127, 136

Autoconfiguración 200

C

Cacaso 173, 174, 175, 176, 182, 185, 189

Cinema 102, 104, 184, 185, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Cinema e Educação 243

Coluna de opinião 124

Competência discursiva 20, 23, 25, 26, 28, 30, 126

Crônica literária 219, 222, 229, 233

D

Dialogismo 22, 46, 91, 93, 94

Dictadura 200, 201, 202, 203

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 53, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 142, 146, 158, 164, 175, 176, 177, 183, 189, 203, 211, 214, 216, 227, 237, 246

Discurso constituinte 20, 21, 26, 31

Discurso político 7, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 65, 66, 69, 80, 90

Discurso religioso 20, 26, 31

E

Educação estética cinematográfica 243

Espaço Escolar 159, 260

Estilística 149, 156, 158, 173, 174, 175, 176, 189

Ethos 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 64, 113, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

F

Facebook 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 79, 80, 146

Futebol 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

G

Gênero 4, 5, 10, 22, 37, 47, 70, 75, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 133, 136, 139, 142, 144, 148, 150, 156, 163, 171, 176, 177, 180, 200, 201, 202, 203, 212, 215, 226, 227, 241

Grupo Escolar 173, 174, 177, 180, 181, 184, 185, 187, 188

H

História das Mulheres Latinoamericanas 243

I

Identidades 5, 8, 12, 13, 19, 33, 38, 41, 42, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 90, 129, 138, 143, 144, 146, 152, 162, 165, 182, 190, 191, 197, 198, 211, 213, 214, 234, 236, 238, 239, 242, 262

Identidade Sonora 234

Interculturalidad 48, 49, 50, 53, 54, 55

Interculturalidade 49, 208, 209, 217, 242

Intolerância Religiosa 2, 5, 6, 18

J

João Antônio 190, 191, 192

K

Kichwa 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

L

Leitura compartilhada 219, 220, 230

Linguagem 19, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 65, 73, 79, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 135, 151, 155, 163, 164, 170, 178, 184, 212, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 248, 249, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261

Literatura 83, 97, 98, 108, 151, 158, 161, 171, 179, 190, 191, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 222, 224, 228, 230, 231, 232, 233, 242, 245

M

Manoel de Barros 159, 160, 161, 165, 166, 170, 171, 172

Martín Kohan 200, 201, 202

Modernidade 90, 139, 148, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 239, 242, 262

Modos de operação ideológica 1, 2, 5, 8, 9, 18

Mudança 16, 19, 32, 40, 41, 43, 45, 46, 85, 86, 97, 133, 139, 164, 191, 192, 195, 196, 229, 234, 235, 239, 257

Música armorial 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Música em Pernambuco 234

P

Plurilinguismo 208, 213, 214, 218

Poema e poesia 149, 156

Poema metalinguístico 149

Prácticas agrarias 111, 115

Protagonismo leitor 219

R

Redação do Enem 91, 92, 93, 101, 102, 107, 108

S

Semiótica del espacio 110, 111, 112, 116, 121, 122, 123

Sociedade 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 40, 41, 47, 69, 70, 85, 86, 102, 103, 104, 105, 129, 137, 138, 142, 143, 147, 148, 159, 162, 192, 193, 210, 211, 212, 216, 217, 228, 239, 246, 247, 253, 254, 255, 257, 258, 261

T

Texto literário 159, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 208, 211, 212, 219, 222, 223, 224, 231, 232

Torcida 28, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148

U

Urbano 12, 190, 191, 192, 193, 196, 198

Uso de tecnologia 81, 83, 89, 90

W

WhatsApp 81, 82, 83, 87, 88, 89



**EDITORA
ARTEMIS**